

Palestra do Guia Pathwork® nº 158
Palestra Não Editada
8 de dezembro de 1967.

A COOPERAÇÃO OU OBSTRUÇÃO DO EGO AO EU REAL

Saudações, meus queridíssimos amigos. Que as bênçãos, a força, a compreensão da verdade e o fluxo vital de energia universal possam preencher e sustentá-los enquanto ouvem estas palavras e levam-nas com vocês – talvez mais como efeito interno na sua força psíquica do que como memória intelectual.

Muitos dos meus amigos neste intensivo caminho de autorrealização chegaram a uma encruzilhada onde veem a antiga paisagem interior a qual é medo: medo da vida, medo da morte, medo do prazer, medo de abandonar o controle, medo dos sentimentos – medo de ser. É necessária considerável autoconfrontação como sabem para se tornar consciente desses medos. Estes estão geralmente encobertos, no entanto existem. Muitos dos meus amigos chegaram ao ponto onde para sua surpresa e espanto, repentinamente começaram a perceber que temem todos esses aspectos da vida que acabei de mencionar. Quando a consciência desses medos aumenta gradual e automaticamente, a pessoa também se torna consciente dos efeitos que esses medos até então inconscientes, têm em sua vida: o que esses medos levam-na a fazer e como forçam a pessoa a se afastar da vida. A pessoa então compreende aqueles vagos sentimentos de estar “desperdiçando” a vida que se tem geralmente sem saber por que e começa a perceber quanto perde.

Meus amigos, vocês realmente perdem muito da própria vida. Perdem o processo criativo de viver ao temer esse processo. Desejo discutir na palestra desta noite alguns aspectos desses medos, seus denominadores comuns e como corrigir uma desnecessária condição de medo, frustração e dor. Pois, mesmo aqueles que ainda não descobriram que esses medos existem, mais cedo ou mais tarde descobrirão a sua existência, especialmente quando se encontrarem dinamicamente crescendo e se movendo em um caminho de desenvolvimento e autorrealização. Quando então se tornarem conscientes de como se escondem da vida por causa desses medos, minhas palavras – retrospectiva e retroativamente – tornar-se-ão muito úteis. Podem criar uma semente em sua força psíquica que produzirá frutos quando estiverem completamente prontos para ver o problema e resolvê-lo. Isto é verdadeiramente o principal problema da vida.

A natureza de todos esses medos é o mau entendimento da função do ego e de sua relação com o eu real. Essa relação é extremamente sutil e difícil de colocar em palavras; como são todas as verdades da vida, assim é com esta; cheia de aparentes contradições, na medida em que você pensa e vive dualisticamente. No momento em que transcende esse dualismo os dois aspectos opostos que parecem mutuamente excludentes, tornam-se igualmente verdadeiros. Isto se aplica ao ego em relação ao eu real. É verdade quando se diz que a predominância do ego, sua força exagerada é o maior

empecilho para se viver produtivamente. É igualmente verdade quando se diz que o ego fraco é incapaz de estabelecer uma vida saudável. Estes fatos não são opostos e mutuamente excludentes, meus amigos.

Antes de entrarmos em maiores detalhes sobre este tópico, deixem-me salientar que a condição infeliz da humanidade se deve primariamente à ignorância da existência do eu real. O homem é muito ignorante de sua existência. Na melhor das hipóteses, os seres humanos mais esclarecidos a aceitam como conceito filosófico, mas é completamente diferente da experiência – a experiência viva e dinâmica de sua existência. Se a humanidade fosse educada com a ideia e a meta de que contém algo profundo dentro de si, infinitamente superior ao ego, teria a oportunidade – pela experimentação e exploração – de buscar a comunicação com esse núcleo. Seria capaz de alcançar seu verdadeiro ser interior.

Como este não é o caso, se torna cada vez mais limitada em seus conceitos e metas. Ignora que há algo mais vivo dentro, além do ego. Mesmo aqueles que durante anos, formaram o conceito do eu real, da substância criativa que anima todos os seres humanos, se esquecem durante noventa e cinco por cento de suas vidas diárias de que este ser criativo vive e se move dentro de si e de que vivem e se movem dentro dele. Vocês se esquecem da existência do eu real. Vocês não buscam a sua sabedoria. Vocês apostam toda a sua confiança no seu limitado ego exterior. Vocês são negligentes quanto a se abrir para as verdades e sentimentos profundos do eu. Vão despreocupadamente em frente como se realmente não houvesse nada mais do que sua mente consciente, o seu ego com seus processos de pensamento imediatamente acessíveis e sua força de vontade. Com essa atitude vocês se limitam grandemente.

Isto tem inevitavelmente várias consequências. A primeira é a questão da identificação. Quando o homem se identifica exclusivamente com o ego, com o eu consciente externo, quando seu sentido de eu está predominantemente associado às funções do ego, torna-se completamente desequilibrado e sua vida se torna vazia de substância e significado. Como o ego não pode substituir, ou de forma alguma se aproxima dos recursos do eu real é inevitável que tal pessoa – (isto inclui a maioria dos seres humanos) – se torne tremendamente assustada e insegura. Sente-se inadequada e seu senso de vida, do eu, de viver, se torna muito insípido e sem alegria. Prazeres substitutos são então – freneticamente procurados, mas são vazios e deixam a pessoa exausta e insatisfeita. O ego não pode produzir sentimentos profundos e sabor profundo à vida. Nem pode produzir sabedoria profunda e criativa. O ego só pode memorizar, aprender, coletar o conhecimento de outras pessoas criativas, repetir e copiar. É equipado para lembrar, separar, selecionar, escolher e mover-se numa determinada direção – para dentro ou para fora. Estas são suas funções. Mas não é função do ego sentir, experimentar de modo profundo, conhecer profundamente, o que significa ser criativo. Quando digo criativo, não quero dizer simplesmente artisticamente criativo. Cada um dos simples atos de viver pode ser criativo, desde que se esteja ativado pelo eu real. O ato não é criativo quando se está separado do eu real, não importa quanto esforço se faça. Na realidade, o eu real não se esforça. Onde quer que se manifeste, existe esforço, mas é um esforço sem esforço. Isto também parece uma contradição.

Vamos voltar àqueles medos humanos fundamentais que listei antes e considerá-los sob a luz deste tópico. Como eu disse, esses medos aparecem como resultado de se estar separado do eu real em ignorância e em falsas ideias. Vamos começar com o medo da morte já que é este medo específico que lança uma sombra sobre a vida de todos. Se o homem se identifica predominantemente com

o ego, seu medo da morte é realmente bastante justificado, pois o ego realmente morre. Isto pode soar como uma afirmação assustadora para aqueles que não experimentaram ainda a verdade e a realidade de seu ser interior. É assustador precisamente pela razão que mencionei; o fato de que o sentido de ser, de existir, o sentido de eu, para muitos só existe através da identificação com o ego. É por isto que qualquer ser humano que tenha ativado seu eu real e que o experimente como uma realidade diária jamais tem medo da morte. A pessoa sente e conhece a própria natureza imortal; está preenchida com sua qualidade eterna; sabe que é sempre um continuum, pois essa é sua natureza inerente. Isto não pode ser explicado pela lógica à qual o ego está acostumado; essa lógica é muito limitada para compreender isto.

Um círculo vicioso se instala quando ao ego é dada importância indevida quanto à percepção de uma pessoa estar viva. Se a pessoa não puder conceber qualquer outra realidade de pensamento, sentimento e de estar em si mesmo, além da realidade do ego; não pode certamente experimentar as faculdades superiores e a realidade maior do eu real. Portanto, ouvir que as faculdades do ego – consideradas como as únicas reais – cessam de existir, deve parecer assustador. Mas, para aqueles que experimentaram a realidade total do eu real, esta declaração nunca será assustadora. Vocês então sabem perfeitamente bem como o ego é inferior, fugaz e insuficiente quando comparado com a realidade do ser interior eterno que você experimentará como eterno sempre que o encontrar. Portanto, o medo da morte existe somente quando o sentido do eu está exclusivamente ligado ao ego.

Quero acrescentar que uma aceitação intelectual do eu real – como conceito filosófico – não aliviará o medo da morte porque não pode dar um sentido de realidade e de verdadeira experiência da existência do eu real. Isto requer mais. Requer uma atualização das faculdades do eu real. Isto, como sabem, necessita certos estágios de desenvolvimento muito definidos. Falarei mais sobre isto mais tarde.

O próximo medo da lista seria o medo da vida. Vocês me ouviram dizer inúmeras vezes que quem teme a vida teme a morte e quem teme a morte teme a vida, porque na realidade ambas são a mesma coisa. Esta afirmação também só pode ser verdadeiramente compreendida quando a pessoa experimenta o eu real – que reconcilia todos os opostos aparentes. Então a pessoa vê que vida e morte são o lado ensolarado e o lado sombreado – se é que posso colocar assim – de certa manifestação de consciência, nem mais nem menos.

O medo da vida é justificado quando o senso de identificação da pessoa está ligado exclusivamente ao ego. Pois a capacidade do ego de lidar com a vida e de viver a vida produtivamente é extremamente limitada. De fato é totalmente insuficiente e faz o indivíduo se sentir incerto, inseguro, inadequado. O eu real, por outro lado, sempre tem respostas, sempre tem soluções não importa qual seja o problema; sempre faz de qualquer experiência – não importa quão desnecessária e fútil pareça a princípio – um degrau profundamente significativo em direção a uma maior expansão. Aumenta a experiência de vida e de realização dos potenciais inerentes da pessoa. Portanto, tem a capacidade de torná-lo mais vivaz, mais realizado e cada vez mais forte. Certamente, nada disso pode ser dito sobre o ego. O ego está constantemente enredado em situações, problemas e conflitos aparentemente insolúveis. O ego está adaptado exclusivamente ao nível da dualidade: isto versus aquilo, certo versus errado, preto versus branco, bom versus mau. Como sabem esta é uma abordagem inadequada para a maior parte dos problemas da vida. Além do fato de que nenhuma verdade pode ser encontrada se enxergarmos um lado como preto e o outro como branco, as dimensões desses problemas incluem muitas outras considerações. O ego é incapaz de transcender o nível dualista, de

harmonizar a verdade de ambos os lados, por assim dizer. Portanto, não pode encontrar soluções e fica perpetuamente preso nessa armadilha e ansioso. Assim, uma identificação com o ego traz automaticamente o medo da vida em seu rastro.

O próximo da lista deve ser o medo do prazer. Para aqueles de vocês cuja autoexploração ainda não é extremamente profunda, tal declaração pode parecer absolutamente inacreditável – assim como seria o medo de ser feliz. Você então, diria a si mesmo: “Isto não se aplica a mim.” Mas, deixem-me dizer que todas as pessoas, na medida em que se sentem infelizes, não realizadas e vazias, temem a felicidade, a realização e o prazer, não importa quanto se esforcem e anseiem por tudo isto no nível consciente. Deve ser assim; esta é uma equação que deve terminar nivelada. A vida de vocês demonstra este fato, sua vida nunca é um produto de circunstâncias além do seu controle, ou de causas além das que internamente coloca em ação. É sempre o produto de sua própria consciência interna. Vocês sabem disto em teoria, bem como na prática. Pelo menos aqueles que têm feito alguma autodescoberta têm percebido cada vez mais que de uma forma ou outra são vocês mesmos que criam seus problemas. Nunca se esqueçam disso.

Então, o medo do prazer, da felicidade, da realização é uma realidade aplicável a todos os seres humanos. A princípio é somente uma questão de conectar-se conscientemente com esse medo. No momento em que fizer isso, então pelo menos compreenderá, finalmente, porque sua vida não produz aquilo que outra parte de você deseja ardentemente. Quanto mais o ego luta para conseguir aquilo que você deseja conscientemente, esquecendo que não é o ego sozinho que pode consegui-lo, mais impossível se torna a realização. Entretanto, não é necessariamente o ego consciente que obstrui o caminho, mas alguma outra parte do seu ser que não é o ego nem o eu real. Entretanto, o ego consciente é frequentemente levado cegamente a agir da forma ditada por essa parte inconsciente, medrosa e negadora da vida. Isto é então, racionalizado e explicado. Mesmo quando a pessoa entrega sua fidelidade somente ao eu ego ativo com sua consciência, mesmo assim o eu ego nada mais é do que um agente obediente quer o homem saiba disto ou não. A questão é simplesmente se o ego segue impulsos errôneos destrutivos, ou se é ativado pelo eu real.

Portanto, é absolutamente essencial que vocês se abram para observar suas próprias reações internas que fogem da felicidade e do prazer. Para entender isto no contexto da palestra de hoje, eu gostaria de dizer que se o indivíduo deriva seu sentido de eu somente das faculdades do ego, abandonar o ego deve parecer terrivelmente assustador. E exatamente aqui é onde serão pegos num conflito insolúvel, enquanto permanecerem presos a ele: expansão e prazer, deleite e vida criativa, realização e felicidade só podem existir quando o eu real é ativado, quando não se identificam exclusivamente com o ego, mas quando estão conectados e identificados com o eu real, com a eterna e criativa substância do seu ser. Isto exige abandonar o controle direto do ego. Isto requer confiança e coragem para se render a um movimento interno que não responde ao pensamento externo e às faculdades da vontade. É fácil avaliar a verdade desta declaração quando você reflete por um minuto sobre os momentos mais sublimes de sua vida. Tudo que tenha sido verdadeiramente prazeroso, inspirado, sem esforço, sem medo, criativo e profundamente alegre, foi justamente devido ao abandonar o ego e ao se deixar animar por algo diferente das faculdades normais que estão sob a direta determinação do eu externo. Então a felicidade não apenas se torna possível, como é um subproduto natural. Você não pode ser seu eu real, sem estar feliz e não pode estar feliz, a menos que esteja integrado com e animado pelo eu real. Este é o tipo de felicidade que não conhece o medo de acabar, o medo da perda, ou de subprodutos não desejados. É o tipo de felicidade, como eu já disse em algum outro lugar, que é dinâmica, estimulante, excitante, vibrantemente viva e ao mesmo tempo tranquila.

Não existe mais nenhuma divisão causada pela separação desses conceitos e pela crença de que eles sejam mutuamente excludentes que é o que faz o ego dualista. Neste modo dividido de experimentar a vida, a tranquilidade exclui o excitamento e traz o tédio. O excitamento exclui a paz e traz ansiedade e tensão. O homem é confrontado, como em muitas outras circunstâncias, com a escolha que não é mais necessária quando entra no reino do eu real unificado.

Como pode você abraçar sem medo um estado que deve dispensar as faculdades do ego, quando seu sentido de estar vivo vem exclusivamente dessas faculdades do ego? É exatamente aí que você cai numa armadilha. A menos que perceba o seu medo da felicidade sob esta luz, você não encontrará a saída dessa armadilha. Você estará constantemente vacilante. Por um lado estará terrificado pela opção de soltar o ego. Pelo outro, você estará constantemente num estado de maior ou menor impotência, que pode ser mais ou menos consciente. Um sentimento de estar desperdiçando a sua vida, ou de que está faltando algo essencial, o perseguirá, porque aquilo que é necessário para aliviar essa condição não pode ser conseguido senão quando você abandona a predominância do ego.

Isto me traz ao próximo medo da lista, muito relacionado a isto, que é o medo de soltar. Se, outra vez, o seu sentido de eu deriva exclusivamente do ego, a personalidade é incapaz de soltar. Soltar significaria então, aniquilamento. Mas para aqueles que já começaram, aqui ou ali, pouco a pouco ver a verdade e a realidade do eu real, soltar não apenas não será perigoso, como será a própria vida.

Só gradualmente o homem se aclimata à nova condição, ao novo clima, às novas vibrações, às novas formas de funcionamento do eu real. Mas, isto certamente não é incompatível com o fato de viver num corpo, nesta esfera terrestre. De forma alguma. Significa apenas interação harmoniosa entre o ego e o Eu real. Significa conhecer as funções do ego, suas limitações, assim como o seu poder. Eu retornarei a este assunto.

Primeiramente, gostaria de dizer que sempre que uma pessoa teme o eu real, esta teme a vida e a morte, o prazer e a realização, a felicidade e a expansão, os próprios sentimentos e o próprio processo criativo. Segundo, é evidente que os sentimentos não podem ser controlados pelo ego. Aqueles que tentam isto simplesmente se enganam. Matam a espontaneidade e a liberdade do eu real. É por isto que os sentimentos nunca poderão responder a nenhum deve imposto por outras pessoas ou por si mesmo. Os sentimentos aparecem indiretamente, e parecem ter sua própria vida independente, suas próprias leis, sua própria lógica e sabedoria. O homem faria melhor em explorar e compreender essa lei e sabedoria em vez de negar os sentimentos e impor sobre eles a fraca lógica do ego, a lei do ego e sua pseudosabedoria. Pois, os sentimentos são a expressão do próprio processo criativo. Qualquer um sabe que esse processo também não pode ser forçado. Só pode ser encorajado ou desencorajado, assim como os sentimentos. Os sentimentos e o processo criativo são movimentos internos que eu também chamo de movimentos da alma. Estes têm suas mensagens e sinais que não podem ser deixados de lado se o indivíduo quer efetuar a autorrealização e estabelecer contato com o eu real.

O eu real transpira e transmite um fluxo vital de energia que consiste de muitas correntes diferentes. É o que costumo chamar de força de vida. Esta força de vida não é apenas um tremendo poder: é consciência. Contém profunda sabedoria e legitimidade inexorável, eterna e imutável. É

necessário explorar e compreender essas leis. Tal compreensão enriquece a vida de uma forma surpreendente em uma medida que vocês não podem imaginar.

Negar o intenso êxtase desta força de vida que se manifesta em todos os níveis da existência, em todas as facetas do viver – em algumas áreas mais intensamente que em outras – significa cortejar vários graus de morte. Abarcar esta força de vida significa viver infinitamente. A negação do prazer supremo da vida é morte. O fato do ego existir, significa que a morte passou a existir. Eu não posso entrar em detalhes sobre isto agora porque nos levaria longe demais. É suficiente dizer que o ego é uma partícula separada da consciência maior que ainda permanece em todas as pessoas. A menos que essa parte separada seja integrada com sua origem, esta morre. Portanto, separação e morte estão relacionadas, assim como reunificação e vida são relacionadas e interdependentes. A existência do ego, a falta de prazer e a morte estão diretamente conectadas, assim como o eu real, o prazer supremo e a vida estão diretamente conectados. Portanto, quem teme abandonar o ego, que teme e nega o prazer por causa desse medo, corteja a morte. Este é o verdadeiro significado da morte. É uma negação da verdadeira semente da vida.

Tudo isto, meus amigos, pode levar ao mal entendido de que o ego deve ser dispensado. Infelizmente, muitos ensinamentos espirituais incorreram neste erro e assim trouxeram confusão para os seus seguidores. Nada pode estar mais longe da verdade do que desconsiderar ou negligenciar o ego. Fazer isto simplesmente levaria ao extremo oposto. E sempre ambos os extremos são igualmente errados, prejudiciais e perigosos.

A pessoa que durante toda a vida e frequentemente durante várias vidas – supervalorizou o ego na ideia errônea de que este seria não apenas a segurança, mas a própria vida se cansa. Cansam porque cada movimento de alma baseado em falsos conceitos é exaustivo por sua própria natureza e faz com que as pessoas lutem muito, a fim de se agarrar desesperadamente.

As diversas formas falsas de aliviar um ego restrito sempre significam o enfraquecimento do ego. Se, por um lado, o ego é forte demais, inevitavelmente deverá ser fraco por outro lado. Eu colocarei isto em termos práticos para vocês que estão trabalhando neste caminho: na medida em que vocês se assustam com a ideia de soltar o controle do ego porque acreditam na falsa ideia de que abandonar o controle os faz perder força, nessa mesma medida serão incapazes de se afirmar porque têm medo. Quanto mais capazes forem de se render aos seus sentimentos, ao seu processo criativo, às qualidades desconhecidas da própria vida, à um companheiro – mais fortes serão. Então, não temerão tomar decisões, incorrer em erros, encarar dificuldades. Vocês confiarão em seus próprios recursos, terão a integridade de seus próprios pontos de vista, pagarão o preço por serem vocês mesmos, afirmarão seus direitos enquanto cumprem suas obrigações livremente e com boa vontade, não por medo da autoridade ou das consequências de não obter aprovação. A força de ego de tal autoafirmação saudável torna possível a rendição. Ao contrário, a fraqueza de um ego que teme a autorresponsabilidade torna impossível a rendição, assim como o prazer. A pessoa que habitualmente sobrecarrega e exaure as faculdades do ego, buscará um falso alívio. Esse falso alívio pode tomar muitas formas. Uma das formas mais grosseiras é a insanidade onde o ego se torna completamente incapacitado. Em casos menos grosseiros, toma a forma de manifestações neuróticas, onde o ego é incapaz de usar suas faculdades de força, individualidade e autorresponsabilidade. Ou pode tomar a forma de alcoolismo, vício em drogas e todas as formas artificiais de se obter alívio do ego super tenso, privado do prazer porque está assustado demais para se render ao processo criativo.

É, portanto, de importância fundamental compreender quais são as faculdades do ego, saber como usá-las e saber onde estão as limitações do ego. Entraremos em mais detalhes no futuro. Tudo que quero dizer no momento é isto: o ego precisa saber que é apenas um servo do ser interior maior. Sua principal função é deliberadamente buscar contato com o eu interior maior. Deve reconhecer sua posição. Deve saber que sua força, potencialidade e função, são decidir buscar contato, pedir ajuda do eu maior, estabelecer contato permanente com ele. Mais ainda, a tarefa do ego é descobrir as obstruções que permanecem entre ele e o eu maior. Aqui também, sua tarefa é limitada. A realização sempre vem de dentro, do eu real, mas vem como resposta ao desejo do ego de compreender e de mudar a falsidade, a destrutividade e o erro. Em outras palavras, a tarefa do ego é formular o pensamento, a intenção, o desejo, a decisão. Mas, sua limitação está na execução do pensamento, da intenção e do desejo. Depois de sua tarefa ser cumprida, de decidir pagar o preço pela verdade, pela integridade, pela honestidade, esforço e boa vontade, deve ficar de lado e permitir que o eu real passe à frente com sua intuição e inspiração, que estabelecem o passo e dirigem o caminho individual. O ego deve, repetidas vezes, selecionar, decidir, intencionar, a fim de seguir essa forma de desenvolvimento. Este deve estar disposto a aprender a partir de dentro e a compreender a linguagem mais profunda do inconsciente, que a princípio é bastante obscura, mas depois se torna cada vez mais óbvia. Ele deve aprender a interpretar as mensagens do inconsciente destrutivo, assim como as mensagens do ainda mais profundamente inconsciente eu real, com toda a sua maravilhosa criatividade e construtividade. O ego deve dar seu apoio irrestrito, seu esforço concentrado, sua mais construtiva atitude e atenção total ao caminho interior. Ele deve conhecer suas limitações quanto à sabedoria profunda, quanto ao ritmo individual do caminho, o momento certo, a força para perseverar nos momentos difíceis, e deve invocar os recursos ilimitados do eu real. Deve desenvolver uma delicadeza para perceber a sutil interação entre o ego cada vez mais alerta e o eu real cada vez mais manifesto para que possa aprender quando for forte e afirmativo para superar as resistências, e quando ficar de lado numa atitude mais passiva, ouvindo e aprendendo. O ego pode ser comparado a mãos e braços que se movem em direção à fonte da vida e que param de se mover quando sua função passa a ser nada mais do que receber.

Que todos vocês possam se beneficiar desta palestra. Que vocês possam estudá-la profundamente e meditar sobre ela. Estudem-na, sentença por sentença, como se aplica à vocês. Meditem com o desejo de usar essa informação, não só pela compreensão teórica, mas na busca verdadeira daquela parte sua que é eterna e verdadeiramente adequada; que está sempre em maravilhoso e extático deleite. Pois, este é seu direito de nascença. O preço é algum esforço para superar a preguiça, a resistência e os falsos mecanismos de segurança.

Também significa explorar as condições que tornam possível uma conexão com o eu real. O Ego deve ser compatível com o eu real. O eu real transcende as simples leis da moralidade externa, portanto devem ter a coragem de estar na sua própria verdade, em vez de obedecer aos designios da opinião pública, da autoridade, da sociedade em geral. Tal submissão só acontece por medo e ganância, covardia e oportunismo. Assim, a moralidade externa não é necessariamente um sinal de moralidade interna verdadeira. Entretanto, o eu real tem padrões extremamente exatos de real moralidade, de natureza muito mais profunda do que a anterior. A pessoa deve ver onde o egoísmo, a crueldade, o autocentrismo, a ganância e a desonestidade existem dentro da alma, mesmo que em forma diminuta. Qualquer partícula desse tipo, não importa quão diluída em bondade genuína, obstrui o caminho – particularmente quando não é reconhecida, quando é negada ou desculpada. Se você engana a si mesmo, tentando enganar a vida, se torna incompatível com as leis e o poder de seu próprio ser criativo interior. Então, descubra as áreas onde ainda trapaceia. Elas podem estar realmente

escondidas, mas sempre existem onde existe infelicidade e descontentamento, portanto, existem na medida em que está separado de seu eu real.

Estejam em paz, sejam abençoados, estejam em Deus.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.